

## O Pai no Contexto Familiar<sup>1</sup>

Charlie Lewis

*Universidade de Lancaster*

Maria Auxiliadora Dessen<sup>2</sup>

*Universidade de Brasília*

**RESUMO** - Este artigo discute o papel do "pai" na vida familiar. Apesar de haver consenso entre pesquisadores de diferentes disciplinas sobre a importância e a influência do "pai" no desenvolvimento da criança, e a despeito do fato de que os papéis dos "pais" vêm sendo estudados há aproximadamente 30 anos, os resultados das pesquisas são, ainda, inconclusivos. Com o objetivo principal de despertar a atenção dos pesquisadores brasileiros para os papéis desempenhados pelo "pai" no desenvolvimento da criança, especialmente dentro do contexto familiar, são apresentadas uma visão geral da literatura na psicologia do desenvolvimento e algumas sugestões sobre as tendências futuras em pesquisa. Assim, serão discutidos os seguintes aspectos: dimensões e fatores que influenciam o envolvimento do "pai" na dinâmica da família, a paternidade e os sistemas familiares em transição, as influências paternas sobre as crianças e, finalmente, por quê é importante continuar estudando o papel do pai.

**Palavras-chave:** família; papel do pai; paternidade; envolvimento do pai; desenvolvimento da criança.

### The Fathers in Family Life

**ABSTRACT** - This article discusses the father's perspective on family life. In spite of a consensus among researchers from different disciplines about the importance and influence of the father in child development, and that nearly for 30 years, they have been studying his role, the results are yet inconclusive. The main objective of this paper is to stimulate Brazilian researchers to study the role of the father in child development, especially within the family context, providing an overview of what is known currently about fathers in developmental psychology as well as giving some suggestions about the future trends in father research. So, it discusses the following aspects: dimensions and factors which influence the paternal involvement, especially within the family; fatherhood and family systems in transition; paternal influences on children; and, finally, why is important to continue studying the father role.

**Key words:** family; father's role; fatherhood; paternal involvement; child development.

Neste artigo, tenta-se definir os fatores que influenciam o envolvimento do pai na vida familiar. Embora o papel do pai deva ser compreendido como parte tanto da ecologia da família como dos processos sociais mais amplos, o objetivo desta análise é apresentar uma visão da família centrada no pai, corrigindo, assim, um desequilíbrio em pesquisa no qual é assumido que as mães são as figuras-chave na teoria da família e as informantes-chave para os pesquisadores. Se se reconhece que as relações familiares são complexas, mas tenta-se, contudo, adotar uma visão centrada no pai, para onde a pesquisa será conduzida? Na tentativa de responder esta questão, a primeira parte deste artigo analisa como os pais se tornam parte da vida de suas crianças, ressaltando que o contacto paternal com crianças é muito diferente de uma família para outra. A segunda parte focaliza os possíveis fatores que influenciam o envolvimento dos pais dentro das famílias, com base em reflexões teóricas que variam

desde fatores estritamente biológicos até sociais. A terceira, sobre gravidez e o processo de se tornar pai/mãe, mostra o quanto as experiências individuais de pais e mães são diferentes e discute o ajustamento materno em termos da influência do envolvimento paterno. Na quarta parte, é analisada a questão sobre se, de fato, os pais influenciam o desenvolvimento de suas crianças. Uma análise de dados, tanto de famílias que vivem sem a presença do pai, quanto do desenvolvimento do papel sexual, mostra que é muito difícil demonstrar que os pais influenciam claramente o desenvolvimento de suas crianças. A última parte deste artigo ressalta a necessidade de se continuar estudando os papéis do pai.

#### Dimensões do envolvimento paternal

E impossível sumarizar a literatura sobre pais em poucas páginas devido ao tamanho e diversidade da base de dados. O sistema PsycLIT, por exemplo, registra cerca de 700 artigos por ano sobre este assunto, somente em periódicos da área de psicologia, que são publicados em língua inglesa, excluídos os capítulos de livros. Embora esse número corresponda apenas a um terço do número de artigos publicados sobre as mães, ele representa uma literatura que nenhum pesquisador poderia acompanhar. No momento, uma boa revisão é fornecida por Lamb (1997) e uma análise crítica por Phares (1996).

1 Este artigo foi escrito com o apoio do CNPq para o segundo autor, sob a modalidade de Bolsa de Pós-Doutoramento no Exterior (Processo n. 200912/97-6 (NV))

2 Endereço: Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia, Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento. Laboratório de Desenvolvimento Familiar. Campus Universitário. CEP: 70910-900 Brasília - DF. E-mail: [dessen@unb.br](mailto:dessen@unb.br)

Qualquer análise da paternidade precisa começar com a observação de que em poucas sociedades os homens cuidam de suas crianças, no dia-a-dia. Os homens continuam sendo representados (e representam a si próprios) por papéis fora do centro das interações familiares. As pressões centrífugas de trabalho, a falta relativa de recompensa pelo engajamento dos pais nos cuidados das crianças e as negociações sutis entre parceiros na determinação da parte desempenhada pelo homem nas famílias precisam, todas, ser levadas em consideração se deseja-se obter uma compreensão mais completa da paternidade como uma atividade social. Como o acesso de mães e pais às atividades de educar e cuidar de suas crianças não é igual, os teóricos frequentemente fazem referência à premissa de que a atividade paterna é um "problema" sociológico e psicológico (Mead, 1950/1962; Phares, 1996). Embora haja alguns movimentos fora desta perspectiva (ex.: Hawkins & Dollahite, 1997), não é surpreendente que os pais tenham sido notados pela sua ausência, especialmente em relação à vida de crianças pequenas. Como resultado disso, prevalece um estereótipo negativo sobre os papéis dos pais. Em lares onde coabitam ambos os genitores<sup>3</sup>, menos de dois por cento dos pais compartilham igualmente as tarefas de cuidados da criança com as mães; a proporção de homens "altamente envolvidos" tem sido estimada como menor que 10 por cento (Russell & Radojevic, 1992); e mais de 60 por cento dos pais nunca cuidaram de suas crianças sozinhos (Russell, 1983).

Quais são as atividades em que os homens realmente se engajam com suas crianças? Dois fatores revelam a complexidade dessa questão. Em um extremo, alguns homens nunca veem suas crianças ou, como no caso de doador em inseminação artificial, até mesmo não veem a mãe. No outro extremo, cerca de um por cento toma os encargos de suas crianças, sozinhos (Burghes, 1997). O restante dos pais está espalhado entre esses dois extremos. Assim, uma análise considerando os pais como um simples grupo pode não ser completamente válida. Segundo, um conceito como "envolvimento paternal" é mais complexo do que poderia parecer. Isto é particularmente óbvio na infância, quando as rotinas são alteradas de um dia para outro, especialmente nos períodos de mudanças no desenvolvimento da criança. Portanto, há muitas e variadas influências sobre as funções paternas, que são decorrentes de mudanças como rotinas de uma nova escola, alterações nos compromissos de mães e pais fora de casa, entre outras. A maneira como os genitores negociam estes padrões de mudanças nos cuidados da criança e nos trabalhos domésticos é crucial para a compreensão dos papéis paternos e maternos.

É com base em tais complexidades que Lamb (1986) tem sugerido que a participação dos pais precisa ser examinada em termos de: (1) interação, isto é, tempo gasto com suas crianças; (2) acessibilidade, isto é, tempo gasto em trabalho

doméstico que tenha implicações para a criança; (3) responsabilidade, isto é, grau de envolvimento do pai nos arranjos da rotina da criança, como cuidados alternativos. Este autor diferencia tais tipos de envolvimento porque as crianças parecem desenvolver relações mais íntimas com seus pais, a despeito do pouco contato relativo entre ambos (Bentley & Fox, 1991). A parte seguinte deste artigo enfoca as origens da relação pai-criança.

### Envolvimento paternal: fatores biológicos e sociais

Na maioria dos tipos de coabitação, os homens estão ausentes e as mulheres presentes, particularmente quando as crianças são cuidadas somente em casa. O que causa a similaridade deste padrão em um vasto número de contextos culturais nos quais o envolvimento paternal tem sido examinado? Alguns teóricos assumem, simplesmente, que há uma prerrogativa biológica para as mulheres cuidarem de crianças, que é muito mais forte do que quaisquer ligações entre os homens e suas crianças. Embora, no passado, esta fosse uma visão restrita a certas disciplinas, geralmente de domínio masculino, não é o caso, hoje. A socióloga Alice Rossi (1985), por exemplo, assume que as mulheres têm melhores habilidades sociais e também habilidades motoras mais finas do que os homens, as quais as capacitam a exercer a maternidade, presumivelmente no que tange aos cuidados com a criança. Segundo ela,

*as mulheres têm uma vantagem sobre os homens na leitura mais fácil das expressões faciais de bebês, na suavidade dos movimentos do corpo, na maior facilidade em manipular uma criatura pequenininha com gestos suaves e em acalmá-la através de um uso rítmico da voz. Os homens, ao contrário, têm tendências para interagir de maneira mais simpática com uma criança mais velha, com quem é mais fácil e agradável se engajar em brincadeiras estouvadas, coordenação física e ensino de manipulação de objetos, (p. 183)*

Ao mesmo tempo em que Rossi (1985) afirma serem estas tendências culturalmente modeladas, ela sugere que "há uma grande quantidade de evidências, na pesquisa humana e animal, de que os hormônios sexuais e a diferenciação sexual na organização neurológica do cérebro contribuem para estas diferenças" (p. 183). Entretanto, esta visão biológica de diferenciação entre papéis maternos e paternos não é suficiente para explicar por quê alguns homens em muitas culturas e, na verdade, muitos homens em umas poucas culturas (ver, por exemplo, Hewlett, 1987) são responsáveis por grande parte dos cuidados de suas crianças jovens.

Uma segunda linha de teoria sugere que os envolvimento paternal e maternal em um nível comportamental e, talvez, também em termos de compromisso, podem ser o reflexo da personalidade do indivíduo. Os debates sobre masculinidade e feminilidade nas décadas de 70 e 80 sugeriam que tanto masculinidade quanto feminilidade podiam ser qualidades presentes em todos nós (ver, por exemplo, o trabalho de Bem, 1974). No final da década de 70, os estudos sugeriam uma associação entre "criação (educação)" masculina ou androgênia (uma mistura de masculinidade e feminilidade) e um

3 A maior parte desta discussão é baseada em pais residentes, embora, em algumas culturas industriais, mais de 40 por cento de crianças pré-escolares vivam por um tempo ou outro sem a presença de seus pais (Mott, 1990).

maior envolvimento paternal nos cuidados da criança (De Frain, 1979; Russell, 1978). Mas, as pesquisas deste período não mostravam correlações interessantes e não discerniam se tais conexões eram causais e, quando era o caso, em qual direção.

Investigações mais recentes têm sugerido que o quadro é mais complexo. Ao mesmo tempo em que as pesquisas longitudinais confirmam as descobertas anteriores, elas sugerem que conceitos como "criação de filhos" estão demasiadamente longe da simplicidade. Por exemplo, os cuidados paternos não ocorrem em um vácuo. Grossman, Pollack e Golding (1988) encontraram que pais envolvidos tinham esposas que apresentavam sentimentos mais profundos de autonomia, particularmente quando elas exerciam profissões que demandavam auto-confiança. Além disso, e talvez mais importante ainda, são os padrões de emprego de um casal. Alguns homens desempregados estão muito mais envolvidos com os cuidados da criança do que seus companheiros empregados (ex.: Radin & Goldsmith, 1989). O número de horas de trabalho profissional dos genitores também têm se mostrado o mais acurado preditor do envolvimento do pai (Lewis, 1986). E é para esta questão que nos voltamos agora.

Assim, a terceira perspectiva sobre o envolvimento paternal é aquela determinada pelos fatores sociais, particularmente a divisão de trabalho doméstico entre os genitores que trabalham fora de casa. Se os modelos biológicos e de "personalidade" caracterizaram as décadas de 70 e 80, esta perspectiva tem se tornado dominante na década de 90. Isto tem ocorrido, em grande parte, devido ao resultado da revolução social envolvendo padrões de emprego na Europa e nos USA. Duas mudanças sociais parecem estar influenciando as concepções atuais. A primeira refere-se ao aumento do número de mães que trabalham fora de casa, que tem sido particularmente observado em famílias com crianças muito pequenas (para uma revisão, ver Hoffman, 1989).

As mudanças em relação ao emprego das mães têm sido acompanhadas por uma revolução similar em casa? Por um lado, parece que em lares onde ambos os genitores trabalham fora, a divisão tradicional de responsabilidades é bastante clara e similar aqueles em que apenas um genitor trabalha fora; isto é, a mãe geralmente assume a responsabilidade pela casa, embora por uma quantidade geral de trabalho doméstico menor do que em um tipo de coabitação onde apenas um genitor trabalha fora (Nock & Kingston, 1988). Por outro lado, parece que os lares onde ambos os genitores trabalham fora são diferentes daqueles em que apenas um genitor trabalha fora. Os maridos, cujas esposas também trabalham fora, são responsáveis por uma quantidade duas vezes maior de trabalhos domésticos do que aqueles de lares em que só um deles trabalha fora. Por exemplo, Ackerman-Ross e Khanna (1989) relataram o contraste entre as 29,75 horas de trabalho doméstico de pais, em lares com ambos os genitores trabalhando fora, e as 14,6 horas de pais cujas esposas não trabalhavam. Tais padrões de descobertas têm sido encontrados em um número de outros estudos (Crouter, Perry-Jenkins, Huston & McHale, 1987; Greenberger & O'Neil, 1990; Volling & Belsky, 1991).

O que estes estudos efetivamente nos contam? Primeiro, eles mostram que o envolvimento paternal está relacionado tanto a fatores psicológicos quanto a processos sociais. Restrições psicológicas do pai, como aquelas discutidas acima, predizem seu grau de compromisso com os cuidados da criança em coabitações onde um único genitor é responsável pelo sustento da casa, sugerindo que, se a participação é uma atividade voluntária, aqueles que são mais "femininos" tendem a ser mais centrados na criança e na casa. Entretanto, as mesmas associações não parecem ocorrer em famílias onde ambos trabalham fora (Crouter & cols., 1987). Isto sugere que onde uma mãe trabalha, um pai é impelido para a vida doméstica, independente de seu compromisso prévio com tal tipo de atividade.

Em um segundo nível, os padrões de envolvimento doméstico mostram que é necessário compreender o engajamento dos pais de acordo com o seu "espaço" dentro do sistema familiar. Por exemplo, em coabitações onde ambos os genitores trabalham fora e as responsabilidades pela casa e pelas crianças não estão claramente definidas, é relatado um maior conflito marital (Baruch & Barnett, 1986; Crouter & cols., 1987). Nestes lares, os pais também relatam maior preocupação pelo bem-estar das crianças (Greenberger & O'Neil, 1990; 1992). Tais percepções podem surgir por uma série de razões. Por exemplo, é provável que demandas muito intensas em relação ao tempo de cada genitor no emprego exerçam efeitos sobre suas "habilidades" no que tange a voltar para casa e cuidar de suas crianças. Entretanto, outras linhas interessantes são possíveis. Uma delas sugere que a grande preocupação dos pais a respeito do desenvolvimento de suas crianças pode muito bem estar refletindo suas expectativas de que suas esposas deveriam assumir a responsabilidade primária pelas crianças, mesmo quando trabalhando o mesmo número de horas que eles ou, então, de que estes não precisariam despende muito esforço em trabalhos domésticos. Há muita discussão sobre este tópico no Reino Unido e nos Estados Unidos, no momento (Burgess, 1997).

Em um terceiro nível, os padrões encontrados mostram que devemos compreender como as relações entre os diferentes subsistemas familiares (por exemplo, marido-esposa, genitores-crianças) estão inseridas dentro de processos sociais mais amplos e frequentemente menos óbvios. Por que mais mães com crianças pequenas estão saindo para trabalhar fora de casa e por que mais pais estão trabalhando mais em casa? A crença comum é de que genitores jovens têm um compromisso mais intenso com a igualdade. Entretanto, forças econômicas mais amplas estão em evidência. Presser (1988) sugere que as mudanças estruturais nas sociedades pós-industriais são mais influentes do que as tentativas ideológicas para igualar a divisão sexual de trabalho doméstico. Como as nações industriais têm testemunhado um declínio em sua produção manufaturada, os padrões de emprego têm mudado, registrando-se mais trabalho no setor de serviços, tais como lojas. Atualmente, este tipo de trabalho tem sido mais ocupado por mulheres, verificando-se um aumento do desemprego masculino em contraposição a um aumento do emprego feminino, particularmente em trabalhos "flexí-

veis" e de tempo parcial. Portanto, há homens que estão desempregados por um longo tempo, alguns dos quais com crianças pequenas e dependentes. As pesquisas prévias sugeriam pouca mudança na rotina das famílias depois da perda de emprego pelo pai e também que, como decorrência do desemprego, ele interagira mais negativamente com sua criança, acarretando inclusive problemas sócio-emocionais (McLoyd, 1989). Entretanto, o estudo de Wheelock (1991) mostra que o desemprego prolongado no nordeste da Inglaterra tem acarretado mudanças consideráveis na vida familiar. Por exemplo, em metade de sua amostra de homens desempregados, estes ou compartilhavam deveres domésticos com suas esposas que, por sua vez, tendiam a ter empregos no setor de serviços, ou assumiam a responsabilidade pelos cuidados primários da casa e das crianças. Suas descrições da mudança para estes padrões mostram que a necessidade é um impulso muito mais forte do que a ideologia. Como afirmou um pai: "eu faço isto, apesar do aborrecimento" (p. 118).

Os padrões descritos acima sugerem que os homens estão se incorporando à vida familiar como um resultado das principais mudanças sociais, particularmente do mercado de trabalho? A resposta para esta questão é um limitado "não". Há outras mudanças sociais ocorrendo em nações industriais que exercem influência na direção oposta e, a mais notável delas, é o aumento do número de divórcios. A pesquisa tem demonstrado que o contato pai-criança freqüentemente diminui depois do divórcio, com alguns estudos mostrando que 50% dos homens perdem todo contato com suas crianças (Furstenberg, Nord, Peterson & Zill, 1983). Bertaux e Delcroix (1992) perguntam, então, onde foram parar todos estes pais. Nosso conhecimento dos determinantes da quantidade de contato entre pais e filhos e seus efeitos não está ainda completamente claro. Entretanto, fatores como os tipos de processo de divórcio que as famílias enfrentam têm influência (Dudley, 1991). Lewis, Maka e Papacosta (1997) reviram as evidências sobre os fatores psicológicos que predizem o contato dos homens com suas crianças após o divórcio. Estas evidências sugerem que aqueles que perdem o contato com suas crianças tendem a ser ou aqueles que tinham pouco contato com elas enquanto casados, ou que tinham relações tão íntimas com suas crianças durante o casamento que se sentem impedidos de exercer a paternidade por um período parcial (Kruk, 1991).

As questões discutidas nesta seção mostram, principalmente, que a paternidade só pode ser compreendida se inserida dentro de uma análise da relação entre as interações familiares e os contatos de cada membro da família com os processos culturais mais amplos. Uma das maneiras de se estudar tais tensões é examinar as transições particulares que ocorrem na família, como a entrada da criança na escola ou a sua saída para morar fora de casa. Portanto, discutirmos, a seguir, a questão da paternidade em relação aos sistemas familiares em transição.

### **Paternidade: os sistemas familiares em transição**

Uma das transições mais freqüentemente pesquisadas refere-se ao nascimento de um bebê - a transição para a

maternidade/paternidade. Esta área constitui um excelente exemplo de tensões entre as relações familiares e os processos culturais mais amplos, uma questão que, sem dúvida, necessita ser mais explorada em diferentes contextos culturais.

A transição para a paternidade/maternidade é interessante porque realça as tensões entre as relações e, na verdade, dentro dos próprios indivíduos. A chegada de um bebê é descrita como um tempo de grande intimidade entre parceiros, quando eles, então, se engajam na "construção do ninho" e em atividades de cuidados do bebê (Lewis, 1986; Cowan & Cowan, 1992). A assistência dos pais ao nascimento de suas crianças fornece um excelente exemplo de experiências compartilhadas. Em uma larga extensão, a paternidade/maternidade, em lares onde ambos os genitores estão presentes, caracteriza-se por empreendimentos similares e por uma união entre os conjugues. Como Belsky (1990) sintetiza, os padrões de paternidade parecem estar sistematicamente relacionados a padrões de interação marital. Parece haver, também, similaridades entre pais e mães em seus modos de cuidar das crianças (Bentley & Fox, 1991) e, quando estas atingem a idade pré-escolar, em suas práticas disciplinares (Hart, De Wolfe, Wozniak & Burts, 1992) e estilos de ensinar (Worden, Kee, & Ingle, 1987).

Entretanto, a transição deve ser, também, compreendida de maneira diferente. No artigo que lançou este campo de pesquisa, Le Masters (1957) referiu-se à paternidade/maternidade precoce como uma "crise", particularmente em termos das relações do casal. As pesquisas recentes apoiam ambas as visões - de que a paternidade/maternidade é uma experiência compartilhada, mas que também acarreta uma grande tensão na relação conjugal. Por exemplo, no estudo de Brown (1994), 37% dos casais relataram discórdia marital, havendo uma alta concordância no relato dos cônjuges. Estresses mais intensos são relatados quando a gravidez não é planejada (Clinton & Kelber, 1993) ou quando o bebê é prematuro (Aradine & Ferketich, 1990). Uma vez que a paternidade/maternidade é estressante para ambos os genitores, não é surpreendente que problemas com um dos pais, como depressão (ex.: Lovestone & Kumar, 1993), possam predizer experiências similares no parceiro.

O que os estudos sobre transição para a paternidade/maternidade nos informam sobre a natureza do desenvolvimento familiar? Eles mostram principalmente que os padrões de ajustamento são complexos em dois aspectos. Em primeiro lugar, eles revelam que os membros familiares podem enfrentar um número de mudanças conflitantes, por exemplo, experienciando sentimentos mais íntimos em relação ao parceiro, ao mesmo tempo em que também experienciam extremas tensões maritais. De acordo com Feldman (1987), a melhor maneira de se predizer o bem-estar de um dos genitores é estimando a qualidade de suas relações conjugais. Segundo, que as complexidades dos padrões de ajustamento permanecem em evidência ao longo do tempo, com um certo número delas mostrando continuidades além do período de transição. Por exemplo, se na gravidez os indivíduos relatam ter relações seguras com suas "figuras de ape-

go" (geralmente seus próprios pais), então, um ano após o parto, eles tendem a ter relações seguras com suas próprias crianças (ex.: Fonagy, Steele & Steele, 1991).

Entretanto, os padrões de ajustamentos durante as transições para a paternidade/maternidade parecem também refletir as diferenças entre mães e pais (Brown, 1994; Feldman, 1987; Leathers, Kelley & Richman, 1997). Embora, durante a gravidez, os melhores preditores do ajustamento da mulher ao bebê sejam suas relações conjugais e seu ajustamento psicológico à gravidez, este também pode ser predito pelo estresse de seu parceiro ao trabalho. Por sua vez, o ajustamento pós-parto dos homens está também relacionado ao seu próprio estresse ao trabalho no período de gravidez da esposa. Portanto, devem ser consideradas não somente as similaridades entre mães e pais, conforme eles se ajustam à chegada de uma criança, mas também as diferenças específicas em suas preocupações.

### **Influências do pai sobre as crianças**

Até o presente momento, tentou-se transmitir a idéia de que uma maneira excelente de compreender algumas das questões com que se defrontam as famílias é estudar os pais, especialmente quando se focaliza como eles se adaptam às circunstâncias familiares e como eles se desenvolvem enquanto indivíduos. Nesta seção, discute-se se os pais influenciam ou não o desenvolvimento de suas crianças. Quais são as razões que nos levam a enfocar este tema? Primeiro, é preciso lembrar que esta questão tem sido enfatizada na pesquisa sobre pais durante os últimos 50 anos. Segundo, a maioria dos autores simplesmente tem assumido que os homens realmente exercem uma influência sobre o desenvolvimento de suas crianças, usando teorias tão diversas para apoiar tal suposição, como a psicanálise e a teoria da aprendizagem social. No entanto, é muito difícil, talvez mesmo impossível, "filtrar" quaisquer efeitos específicos que os pais possam ter sobre suas crianças. Na verdade, tal afirmação é decorrente de algumas suposições sobre a complexidade da influência familiar, que foram argüídas por Dessen e Lewis (1998).

Mas, o que a pesquisa nos conta sobre a influência paterna no desenvolvimento das crianças? São examinadas, brevemente, duas áreas. A primeira diz respeito ao desenvolvimento de crianças quanto ao papel sexual. Nesta área, tem sido assumido que os homens exercem influência sobre suas crianças, particularmente sobre seus filhos de sexo masculino (Biller, 1981). Enquanto os estudos, individualmente, tem encontrado tal associação, as revisões de dados disponíveis na literatura falham em mostrar tais efeitos (ex.: Siegal, 1987). Lytton e Romney (1991) realizaram uma meta-análise de 172 estudos, envolvendo 28.000 participantes e medidas obtidas por meio de questionário, observação e entrevista. Essa meta-análise revelou muitos padrões de interação mãe-criança e pai-criança, embora alguns fatores aparentes em uns poucos estudos eram não-significativos em outros. Por exemplo, em dois estudos, os pais encorajaram a realização bem sucedida de atividades dos filhos mais do que das filhas. Entretanto, em 20 outros, os pais não procederam as-

sim, nem mesmo quando todos os escores de diferenças foram analisados usando um desvio padrão agrupado. Como na análise prévia de Siegal, o único fator de consistência abstraído dessa meta-análise foi o encorajamento de atividades de tipificação sexual e, mesmo assim, a influência foi muito pequena - menos da metade de um desvio padrão. Portanto, a literatura como um todo não apoia este estereótipo popular das influências paternas/maternas sobre as diferenças sexuais.

O que dizer de tipos mais extremos de influência familiar, por exemplo, quando os pais estão ausentes da vida de suas crianças? As pesquisas têm tratado dessa questão. Novamente, o nível de teorização não tem sido muito sofisticado. Por muito tempo foi assumido que a ausência paterna exercia uma influência sobre as crianças, especialmente sobre os filhos, devido à ausência de um modelo masculino. Agora, os pesquisadores têm se voltado para a compreensão de que famílias com um único genitor presente diferem daquelas famílias com ambos os genitores presentes em uma diversidade de modos, particularmente em termos de suas condições financeiras (Herzog & Sudia, 1970) e de seus sistemas de suportes disponíveis (Neissi, 1998). Desde 1981, as pesquisas têm apoiado as suposições de Herzog e Sudia. Outro exemplo claro é fornecido por Hawkins e Eggebeen, que examinaram os dados de um Levantamento Longitudinal Nacional de Jovens efetuado nos USA, envolvendo 1500 pré-escolares de uma amostra na qual famílias com um único genitor foram super-representadas (Crockett, Eggebeen & Hawkins, 1993; Hawkins & Eggebeen, 1991). Este grupo de pesquisadores, mais do que outros, tem tentado analisar justamente o que a ausência do pai acarreta. Eles olharam para diferentes tipos de coabitações, desde famílias onde a figura de um pai estava presente continuamente ou apenas em parte da vida da criança, até famílias onde um homem nunca esteve presente. A atual co-residência de uma figura de pai não parece influenciar no QI das crianças ou nos problemas comportamentais relatados pelas mães (Hawkins & Eggebeen, 1991). A quantidade de contato com a figura de um pai, ou figuras de pai, foi associada ao ajustamento da criança, mas seu efeito não se mostrou evidenciado quando fatores que concorriam com as circunstâncias sociais da mãe eram empregados em análises de covariância. Quando a idade da mãe e a pobreza da família foram controlados, não houve contribuições únicas para o desenvolvimento da criança que pudessem ser atribuídas à presença ou ausência do pai (Crockett & cols., 1993). Tais descobertas são apoiadas pela meta-análise efetuada por Stevenson e Black (1988). Portanto, até o presente momento, não podemos assumir a existência de influências únicas sobre o desenvolvimento da criança; ao contrário, estes e outros dados sugerem que há influências que são modeladas por suas circunstâncias "ecológicas".

### **É importante continuar estudando o papel do pai?**

De acordo com Barnett e Baruch (1988), a pesquisa sobre o papel do pai é caracterizada por três mudanças de

paradigmas. Segundo eles, no primeiro estágio, os pais foram mal representados no pensamento psicológico e nos trabalhos sobre paternidade/maternidade. No segundo, a

*paternidade foi glorificada e o aumento da participação do homem no trabalho familiar foi assumido como sendo não somente uma panacéia para as dificuldades e críticas às mães que trabalhavam fora, como também uma solução para as tensões enfrentadas por casais que trabalhavam fora, quando estes se defrontavam com problemas de educação das crianças.* (p. 76)

O terceiro (e atual) estágio representa um reconhecimento de que o aumento da participação dos pais terá tanto conseqüências positivas como estressantes sobre alguns aspectos da vida familiar, podendo gerar soluções para alguns problemas, mas também criar novos problemas cujas soluções precisarão ser encontradas.

Estas mudanças em nossa compreensão expressam que é necessário integrar, na pesquisa, muitas variáveis relativas aos níveis paternal/maternal, sociocultural, marital e psicológico. Tal conclusão tem conseqüências metodológicas óbvias; por exemplo, quem será incluído no planejamento de pesquisa e como deveremos estudá-lo? Lewis (1997, p. 141) arguiu que "em muitos aspectos, nós temos feito pouco ou mesmo nenhum progresso metodológico" desde a década de 70. Faz-se necessário (1) mais planejamentos longitudinais empregando, por exemplo, análise seqüencial da interação pai-criança em diferentes contextos de coleta de dados; (2) conhecer mais sobre as interações rotineiras e as percepções dos membros familiares, usando técnicas que não têm sido muito empregadas atualmente, como a de "diários"; (3) locais espacialmente mais amplos para a coleta de dados do que casas e laboratórios, isto é, locais públicos (parques de diversão, *shopping centers*) uma vez que, nestes, uma grande quantidade de interação pai-criança fica em evidência (Lewis); (4) observações naturalísticas de pais, já que muitas pesquisas têm pouca validade ecológica (Bronstein, 1988). As comparações entre diferentes contextos e o uso de procedimentos variados revelarão muito sobre a natureza da paternidade. Tais avanços metodológicos conduzirão, indubitavelmente, a modelos sistêmicos de família cada vez mais complexos. Esses modelos sistêmicos "têm iluminado, imensamente, a análise de vários fatores que conduzem ao desenvolvimento da relação pai-criança" (Lewis, p. 123).

Se considerarmos as influências ecológicas sobre as famílias, a condução de pesquisas sobre pais em contextos como o Brasil adquire importância crucial. Os estudos transculturais deveriam investigar quem são os pais e o que eles fazem em cada cultura. Com relação ao Brasil, é preciso conhecer as características demográficas das famílias, além do tempo e envolvimento dos pais com suas crianças. Se o Brasil for como o Reino Unido e os Estados Unidos, a descrição dos tipos de atividades em que os pais se engajam, em casa e em locais públicos, contribuirá para a compreensão da qualidade de suas interações e relações com suas crianças e, conseqüentemente, da natureza das famílias brasileiras.

Mais do que procurar por influências paternas específicas sobre o funcionamento cognitivo e/ou social de crianças, precisa-se examinar, mais profundamente, o envolvimento de todos os membros familiares nas atividades das crianças. Somente um empreendimento desta natureza permitirá delinear a transmissão de habilidades específicas, como as cognitivas, por exemplo. Além disso, é importante que os pesquisadores de famílias acompanhem as mudanças sociais, como o aumento em divórcios e recasamentos (Santrock, Sitterle & Warshak, 1988). E preciso, também, aumentar o número de estudos sobre o processo de adaptação quando um novo sistema familiar é formado e alterado, tendo em mente a possibilidade de que os homens podem influenciar adversamente suas crianças: "muitas teorias do desenvolvimento da psicopatologia em crianças e adolescentes focalizam o papel das mães" (Phares, 1996, p. 113), mas não o de pais.

Em relação à transição para a paternidade/maternidade, o período do nascimento de uma primeira criança é o mais estudado pelos pesquisadores; no entanto, outros nascimentos precisam ser investigados. Angústias psicológicas, percepções de mudanças paternas, satisfação com as negociações e os "acordos" a respeito dos cuidados da criança são apenas algumas das variáveis que necessitam receber mais atenção nos próximos anos. Obviamente, a transição para o processo de paternidade precisa ser olhada através de amostras de diferentes níveis socio-econômicos e étnicos, conforme sugerido por Phares (1996).

Em suma, a despeito do fato de haver muita pesquisa envolvendo a participação de pais de diferentes contextos culturais, especialmente dos Estados Unidos, Grã-Bretanha, França, Alemanha, Itália, Japão, Austrália, África (Phares, 1996), os resultados obtidos apresentam inconsistências, o que implica na necessidade não só de continuar, mas de aumentar as investigações sobre os pais. Quando nada (ou quase nada) é conhecido sobre os pais em dado contexto cultural, os pesquisadores deveriam começar descrevendo os papéis paternos através de atividades rotineiras desenvolvidas tanto em casa quanto em locais públicos. O conteúdo e a qualidade das interações deveriam constituir o foco principal de análise, já que ambos parecem ser mais adequados para capturar os padrões de similaridades e diferenças entre os vários tipos de família.

## Referências

- Ackerman-Ross, S. & Khanna, P. (1989). The relationship of high quality day care to middle class 3-year-olds' language performance. *Early Childhood Research Quarterly*, 4, 97-166.
- Aradine, C.R. & Ferketich, S. (1990). The psychological impact of premature birth on mothers and fathers. *Journal of Reproductive and Infant Psychology*, 8, 75-86.
- Barnett, R.C. & Baruch, G.K. (1988). Correlates of fathers' participation in family work. Em P. Bronstein & C.P. Cowan (Orgs.), *Fatherhood today: Men's changing role in the family* (pp. 66-78). New York: Wiley.

- Baruch, G.K. & Barnett, R.C. (1986). Fathers' participation in family work and children's sex-role attitudes. *Child Development*, 57, 1210-1223.
- Belsky, J. (1990). Parental and nonparental care and children's socio-emotional development: A decade review. *Journal of Marriage and the Family*, 52, 885-903.
- Bem, S. (1974). The measurement of psychological androgyny. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 45, 196-205.
- Bentley, K.S. & Fox, R.A. (1991). Mothers and fathers of young children: Comparison of parenting styles. *Psychological Reports*, 69, 320-322.
- Bertaux, D. & Delcroix, C. (1992). Where have all the daddies gone? Em U. Bjornberg (Org.), *European parents in the 1990's* (pp. 181-196). New Brunswick, New Jersey: Transaction.
- Billar, H.B. (1981). The father and sex role development. Em M.E. Lamb (Org.), *The role of the father in child development* (pp. 489-522). Chichester: Wiley.
- Bronstein, P. (1988). Father-child interaction: Implications for gender-role socialization. Em P. Bronstein & C.P. Cowan (Orgs.), *Fatherhood today: Men's changing role in the family* (pp. 107-124). New York: Wiley.
- Brown, M.A. (1994). Family discord during pregnancy: A family systems approach. *Family Systems Medicine*, 12, 221-234.
- Burgess, A. (1997). *Fatherhood reclaimed: The making of the modern father*. London: Vermilion.
- Burghes, L. (1997). *Fathers and fatherhood*. London: Policy Studies Institute.
- Clinton, J.F. & Kelber, S. (1993). Stress and coping in fathers of newborns: Comparisons of planned versus unplanned pregnancy. *International Journal of Nursing Studies*, 30, 437-443.
- Cowan, C.P. & Cowan, P.A. (1992). *When partners become parents: The big life change for couples*. New York: Basic Books.
- Crockett, L.J., Eggebeen, D.J. & Hawkins, A.J. (1993). Father's presence and young children's behavioural and cognitive adjustment. *Journal of Family Issues*, 14, 355-377.
- Crouter, A.C., Perry-Jenkins, M., Huston, T.L. & McHale, S.M. (1987). Involvement in dual-and single-earner families. *Developmental Psychology*, 23, 431-440.
- De Frain, J. (1979). Androgynous parents tell who they are and what they need. *The Family Coordinator*, 28, 237-243.
- Dessen, M.A. & Lewis, C. (1998). Como estudar a família e o pai? *Paideia Cadernos de Psicologia e Educação*, 1, 105-121.
- Dudley, J.R. (1991). The consequences of divorce proceedings for divorced fathers. *Journal of Divorce and Remarriage*, 16, 171-193.
- Feldman, S. (1987). Predicting strain in mothers and fathers of 6-month-old infants. Em P. Berman & F. Pedersen (Orgs.), *Men's transition to parenthood* (pp. 15-35). Hillsdale, NJ.: Lawrence Erlbaum.
- Fonagy, P., Steele, H. & Steele, M. (1991). Organization of infant-mother attachment at one year of age. *Child Development*, 62, 891-905.
- Furstenberg, F.F., Nord, C.W., Peterson, J.L. & Zill, N. (1983). The life course children of divorce: Marital disruption and parental contact. *American Sociological Review*, 48, 656-668.
- Greenberger, E. & O'Neil, R. (1990). Parents' concerns about their child's development: Implications for fathers' and mothers' well-being and attitudes towards work. *Journal of Marriage and the Family*, 52, 621-635.
- Greenberger, E. & O'Neil, R. (1992). Maternal employment and perceptions of young children: Bronfenbrenner et al. revisited. *Child Development*, 63, 413-448.
- Grossman, F.K., Pollack, W.S. & Golding, E. (1988). Fathers and children: Predicting the quality and quantity of fathering. *Developmental Psychology*, 24, 82-91.
- Hart, C.H., De Wolfe, D.M., Wozniak, P. & Burts, D.C. (1992). Maternal and paternal disciplinary styles: Relations with preschoolers' playground behavioural orientations and peer status. *Child Development*, 63, 879-892.
- Hawkins, A.J. & Dollahite, D.C. (1997). *Generative fathering*. Thousand Oaks, California: Sage.
- Hawkins, A.J. & Eggebeen, D.J. (1991). Are fathers fungible? Patterns of co-resident adult men in maritally disrupted families and children's well-being. *Journal of Marriage and the Family*, 47, 93-115.
- Herzog, E. & Sudia, C. (1970). *Boys in fatherless families*. Washington, DC: U.S. Department of Health, Education and Welfare.
- Hewlett, B.S. (1987). Intimate fathers: Patterns of holding among Aka pygmies. Em M. E. Lamb (Org.), *The father's role: Cross-cultural perspectives* (pp. 295-320). Hillsdale, NJ.: Lawrence Erlbaum.
- Hoffman, L.W. (1989). Effects of maternal employment in the two parent family. *American Psychologist*, 44, 283-292.
- Kruk, E. (1991). Discontinuity between pre and post-divorce father-child relationships: New evidence regarding paternal disengagement. Custodial patterns and influences. *Journal of Divorce & Remarriage*, 16, 195-227.
- Lamb, M.E. (Org.) (1986). *The father's role: Applied perspectives*. New York: Wiley.
- Lamb, M.E. (Org.) (1997). *The role of the father in child development*. New York: Wiley.
- Leathers, S., Kelley, M.A. & Richman, J.A. (1997). Postpartum depressive symptomatology in new mothers and fathers: Parenting, work and support. *Journal of Nervous and Mental Disease*, 185, 129-139.
- Le Masters, E.E. (1957). Parenthood as crisis. *Marriage and Family Living*, 19, 352-355.
- Lewis, C. (1986). *Becoming a father*. Milton Keynes: Open University Press.
- Lewis, C. (1997). Fathers and preschoolers. Em M. E. Lamb (Org.), *The role of the father in child development* (pp. 121-142). New York: Wiley.
- Lewis, C., Maka, Z. & Papacosta, A. (1997). Why do fathers become disengaged from their children's lives? Maternal and pa-

- ternal accounts of divorce in Greece. *Journal of Divorce & Remarriage*, 28, 89-117.
- Lovestone, S. & Kumar, R. (1993). Postnatal psychiatric illness: The impact on partners. *British Journal of Psychiatry*, 163, 210-216.
- Lytton, H. & Romney, D.M. (1991). Parents' differential socialization of boys and girls: A meta-analysis. *Psychological Bulletin*, 109, 267-296.
- McLoyd, V.C. (1989). Socialization and development in a changing economy: The effects of paternal job and income loss on children. *American Psychologist*, 44, 293-302.
- Mead, M. (1962). *Male and female*. Harmondsworth: Pelican. (Originalmente publicado em 1950)
- Mott, F.L. (1990). When is a father really gone? Paternal-child contact in father-absent homes. *Demography*, 27, 499-517.
- Neissi, P. (1998). *A model examining the influences of father absence, social support and maternal well being on children's psychological adjustment*. Ph.D. Thesis, Lancaster University, Lancaster-UK.
- Nock, S.L. & Kingston, P.W. (1988). Time with children: The impact of couples work-time commitments. *Social Forces*, 67, 59-85.
- Phares, V. (1996). *Fathers and developmental psychopathology*. New York: Wiley.
- Presser, H.B. (1988). Shift work and child care among young American parents. *Journal of Marriage and the Family*, 50, 133-148.
- Radin, N. & Goldsmith, R. (1989). The involvement of selected unemployed and employed men with their children. *Child Development*, 60, 454-459.
- Rossi, A.S. (1985). Gender and parenthood. Em A.S. Rossi (Org.), *Gender and the life course* (pp. 161-191). New York: Aldine.
- Russell, G. (1978). The father role and its relation to masculinity, femininity and androgyny. *Child Development*, 49, 1174-1181.
- Russell, G. (1983). *The changing role of fathers?* St. Lucia, Queensland, Australia University of Queensland Press.
- Russell, G. & Radojevic, M. (1992). The changing role of fathers? Current understandings and future directions for research and practice. *Infant Mental Health Journal*, 13, 296-311.
- Santrock, J.W., Sitterle, K.A. & Warshak, R.A. (1988). Parent-child relationships in stepfather families. Em P. Bronstein & C.P. Cowan (Orgs.), *Fatherhood today: Men's changing role in the family* (pp. 144-165). New York: Wiley.
- Siegal, A.U. (1987). Are sons and daughters more differently treated by fathers than by mothers? *Developmental Review*, 7, 183-209.
- Stevenson, M.R. & Black, K.N. (1988). Paternal absence and sex-role development: A meta-analysis. *Child Development*, 59, 793-814.
- Volling, B.L. & Belsky, J. (1991). Multiple determinants of father involvement during infancy in dual-earner and single-earner families. *Journal of Marriage and the Family*, 53, 461-474.
- Wheelock, J. (1991). *Husbands at home: The domestic economy in a post-industrial society*. London: Routledge.
- Worden, R.E., Kee, D.W. & Ingle, M.J. (1987). Parental teaching strategies with preschoolers: A comparison of mothers and fathers within different alphabet tasks. *Contemporary Educational Psychology*, 12, 95-109.

Recebido em 03.12.1998  
Primeira decisão editorial em 18.08.1999  
Versão final em 17.11.1999  
Aceito em 19.11.1999 ■